**EDUCAÇÃO NUTRICIONAL EM CRIANÇAS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA, NO MUNICÍPIO DE VITÓRIA DE SANTO ANTÃO- PE.**

SILVA, Íris Maria da Conceição1; SILVA, Mirelly Cunha da1; SILVA, Evelin Caroline Bandeira e2; MEDEIROS, Esther Maria Gomes3; CARVALHO, Michelle Figueiredo4.

.

**INTRODUÇÃO**

Classificado como Transtorno Globais do Desenvolvimento (TGD), incluindo Síndrome de Asperger, Síndrome de Rett e Transtorno Desintegrativo da Infância, a criança nasce com a carga genética, em que os sintomas são perceptíveis nos primeiros três anos de vida caracterizando o Transtorno do Espectro Autista (TEA). Em 1943, foi observado primeiramente pelo psiquiatra e pesquisador Leo Kanner, sendo denominado atualmente pela American Psychiatric Association (APA), em 2014, às crianças que possuem determinados sintomas, sendo eles: ecolalia; o movimento estereotipado; inversão pronominal; e recusa a mudanças. Por ter recusas ao novo, as crianças autistas são muito seletivas e resistentes, fazendo bloqueio a experiências alimentares (SILVA, 2011 *apud* CARVALHO, *et al* 2012).

A educação nutricional instiga o desenvolvimento de hábitos alimentares saudáveis desde a infância, esperando com isso que esses hábitos sejam implantados no espaço familiar (GONÇALVES, 2013). Segundo Santos (2005) a educação alimentar e nutricional precisam levar em conta ainda a realidade social e a cultura dos indivíduos, para desenvolver estratégias que permitam a reflexão e autonomia de ações educativas nutricionais saudáveis. A educação de valores em nutrição se constitui como uma tarefa complexa, pois, há crenças, conhecimentos, valores e predisposições pessoais que, limitam o processo de reeducação alimentar e nutricionais (BONG, 2005).

Um dos métodos utilizados é o Treatment and Education of Autistic and related Communication Handicapped Children (TEACCH), elaborado nos Estados Unidos da América, que consiste em estabelecer os pontos de maior interesse da criança e envolvidos, e, a partir dessa avaliação, designar o melhor programa. De acordo com Fonseca & Ciola (2014) esse método fundamentado numa filosofia que objetiva ajudar a pessoa autista a se desenvolver cognitivamente e socialmente para que atinja o máximo de autonomia na idade adulta. Por isso, no entendimento do modelo TEACCH existe a defesa de que quanto menor o monitoramento por alguém é melhor para sua autonomia e qualidade de vida.

Assim, o objetivo desse trabalho é realizar uma revisão bibliográfica sobre a educação nutricional, incluindo o Manual de Educação Alimentar e Nutricional para crianças com TEA, desenvolvida com auxílio do método TEACCH e nas triagens feitas na APAMI, no município de Vitória de Santo Antão- PE, a fim de construir hábitos alimentares benéficos à saúde a partir de práticas lúdicas para essa promoção nutricional.

**MATERIAIS E MÉTODOS**

Esse resumo foi todo documentado a base do trabalho de conclusão de curso da discente em nutrição Evelin Caroline Bandeira e Silva, que com a participação dos pacientes e profissionais, pôde-se desenvolver o Manual de Educação Nutricional para crianças com TEA. Juntamente com esse resumo foi realizada uma revisão bibliográfica em artigos científicos com as seguintes palavras-chave: educação nutricional; TEA; método TEACCH, disponibilizados no PubMed e Scielo.

**RESULTADOS**

A alimentação é um gatilho para agravar ou amenizar os sintomas dos portadores de TEA. Com isso, evita-los desde a infância, impedem a sucessão de crises comportamentais; alergias; transtornos gastrintestinais. De acordo com Selim & Ayadhj (2013), a alimentação para autismo deve ser isenta de caseína, glúten e soja, pois promovem alterações cerebrais diminuindo a euforia e agravando a agressividade. Conte, em 2016, descreve a ingestão de alimentos industrializados, enfatizando os aditivos alimentares, destacando o glutamato monossódico como agravador dos sintomas de TEA.

Com base no Manual de Educação desenvolvido, têm-se como fim produzir brincadeiras que estimulam a motricidade dos pacientes associando a aceitação de cada alimento. O Manual foi aplicado, mas não se obteve dados quantitativos permitindo uma extensão da qualidade da cartilha. Mas, acredita-se que sua aceitação seja alta, devido a sua produção ter base nas triagens da APAMI.

A circunstância de ter poucos estudos envolvidos com o tema, não propiciam uma amplitude sobre o mesmo. Com a realização do Manual de Educação, é esperado outro estudo mostrando a adesão da cartilha educativa pelos pacientes e seu filiadores.

**DISCUSSÃO**

Educação nutricional baseia-se na prática uni/multiprofissional incentivando, orientando e promovendo uma alimentação de qualidade. Atitudes educacionais dos cuidadores podem favorecer a aquisição de habilidades nas atividades de rotina e autocuidado, assim como podem retardá-la devido aos cuidados excessivos pela falta de orientação (POSSI *et a*l, 2011 *apud* CARVALHO *et al*, 2012).

Chistol, em 2018, realizou uma pesquisa em que comparava o consumo de alimentos de crianças portadoras de TEA com crianças de crescimento típico. Nos seus resultados, percebe-se uma grande recusa das portadoras de TEA a vegetais, frutas, grãos e carnes magras, trazendo como consequência uma nutrição inadequada.

Na produção da Manual Educação Nutricional, ofertado pela discente, teve o intuito de promover às crianças portadores do TEA uma maior amplitude sobre a alimentação, de forma mais lúdica e interativa com base no método TEACCH, aumentando a sua variabilidade na alimentação evitando problemas de desnutrição; obesidade; entre outros.

Nos artigos científicos, como medida de suporte para consumo desses alimentos rejeitados é a elaboração de manuais educativos integrando jogos e alimentação, estimulando o consumo de alimentos saudáveis. Porém, é necessário mais estudos de intervenções nutricionais para esses pacientes, integrando família, escolas e amigos próximos para estimular a comunicação social e, consequentemente, uma boa alimentação.

**CONCLUSÃO**

A conexão do cérebro e intestino é conhecida como uma base da fisiopatologia das doenças gastrintestinais e de uma ampla variedade de doenças neurológicas. (GONZÁLEZ, 2005). De acordo com Carvalho e colaboradores (2012), o autismo é uma condição complexa, em que a nutrição e os fatores ambientais desempenham papéis significativos para melhoria da qualidade de vida do indivíduo. Assim, crianças portadoras do TEA devem ser impulsionadas e incentivadas a participarem de atividades físicas, jogos lúdicos envolvendo alimentação e variedades nas dietas, diminuindo a propensão de riscos nutricionais.

Com a criação do Manual de Educação, a perspectiva é que as práticas das atividades dispostas nele sejam realizadas com a finalidade de trazer conhecimentos e incentivar os responsáveis a mudar os hábitos alimentares, mesmo sem validação científica, como forma de espelho para o filho, seguindo as orientações do Guia Alimentar para a População Brasileira e do(a) nutricionista.

Segundo Araújo e Neves (2011), a ausência de respostas conclusivas para uma principal etiologia do autismo, o surgimento de alternativas terapêuticas para a aquisição de uma melhor qualidade de vida tem sido adotada por pais e cuidadores mesmo sem validação científica necessária. Visto isso, é concluído a necessidade de mais estudos referentes a modos diversos de educação nutricional voltada para o público autista.

**REFERÊNCIAS**

ARAÚJO, D. E; NEVES, A. S. Análise do uso de Dietas Glúten Free e Casein Free em crianças com Transtorno do Espectro Autista. **Cadernos UniFOA**, v. 6, n. 1, p. 23-28, 2011.

BARBOSA, G. B. A alimentação da criança com transtorno do espectro autista. **Congresso Brasileiro de Nutrição,** 25, 2018, Brasília. v. 9, n. 1, p. 1, 2018.

BOOG, M.C.F. Educação nutricional: passado, presente, futuro. **Revista de Nutrição**. PUCCAMP, Campinas, v.10, n.1, p. 5-19, 2005.

CARVALHO, J. A. *et al*. Nutrição e autismo: considerações sobre a alimentação do autista. **Revista Científica do ITPAC**. Araguaína, v. 5 n. 1, pub. 1, 2012.

CHISTOL, L. T. *et al*. Sensory Sensitivity and Food Selectivity in Children with Autism Spectrum Disorder. **J Autism Dev Disord**, n. 46, n. 6, p. 583–591, 2018.

GONZÁLEZ, M.D.L.G. Manifestaciones gastrointestinales en trastornos del espectro autista. **Colombia Médica**, v. 36, n. 2, p. 36-38, 2005.

NUNES, M. R. A; PAIVA, A. L. C; MARQUES, R. C. P. Educação inclusiva: uso de cartilhas com considerações sobre a alimentação do autista. **Revista Includere**, v. 2, n. 1, p. 114-118, 2016.

ROLAND, L. F. *et al*. Educação nutricional para autista. **Anais do VII Salão Internacional de Ensino, Pesquisa e Extensão**, v. 7, n. 1, 2015.

SANTOS, L.A.S. Educação alimentar e nutricional no contexto da promoção de práticas alimentares saudáveis. **Revista de Nutrição.** Campinas, v. 18, n. 5, p. 681-692, 2005.

SELIM M. E; AYADHJ L. Y. Possível efeito benéfico do aleitamento materno e da absorção de colostro humano contra a doença celíaca em ratos autistas. **Mundo J.** **Gastroenterol**, v. 19, n. 21, p. 3281-90, 2013.